

O Duelo Filosófico entre Settembrini e Naphta em “A Montanha Mágica”

São Paulo, 2014

Resumo: Este artigo analisará os aspectos filosóficos e político-ideológicos do debate entre Settembrini e Naphta, personagens do romance “A Montanha Mágica” (Thomas Mann). A partir de conceitos da Teoria Política, serão analisadas as teses defendidas por cada um dos personagens (tanto em suas convergências quanto nas divergências), e como elas se relacionam com o debate mais amplo que marcou a intelectualidade europeia na primeira metade do Século XX.

Palavras-chave: Ideias, Liberalismo, Conservadorismo, Gnosticismo.

“Quem era, afinal de contas, o livre-pensador e quem o homem pio?”

(Thomas Mann)

1. Introdução: o “eterno debate” e considerações iniciais

No 1º capítulo de “A República” (Platão), há uma acirrada discussão entre Sócrates e Trasímaco sobre o conceito de Justiça. Enquanto este se baseia na sofística para defender a “justiça do mais forte”, Sócrates tenta provar que a justiça é a perfeição humana e que ser injusto não traz vantagens. Estão em diâmetros opostos: Trasímaco é um relativista; não acredita em uma verdade absoluta, pois acredita que tudo é convenção (“nomos”). Sócrates, ao contrário, é eloquente defensor da Filosofia enquanto método para que o homem consiga acessar a verdade universal do “Logos”.

Séculos se passaram, mas a Filosofia – e as Humanidades em geral – continuam a conviver com o eterno debate entre posições racionalistas e irracionais, universalistas e relativistas, defensores da liberdade natural e adeptos do determinismo etc. É certo que nem sempre é fácil delimitar e rotular quem está de qual lado, mas de certa maneira Voltaire e Rousseau (sobre a civilização¹) e Erasmo e Lutero (quanto ao livre-arbítrio²) são exemplos de confrontos de perspectivas opostas no que tange aos limites e possibilidades da racionalidade humana.

¹ Vide Renato Moscateli, “As Luzes da Civilização: Rousseau e Voltaire, da Linguagem Ficcional à Interpretação do Mundo Histórico”.

Fonte: <http://www.dhi.uem.br/publicacoesdhi/dialogos/volume01/vol6_rsm4.htm>

² Sobre o debate teológico de Erasmo de Rotterdam e Martinho Lutero, vide “A Review of Luther and Erasmus: Free Will and Salvation”. Fonte: <<http://www.prca.org/prtj/nov95b.html>>

Thomas Mann, em seu romance “A Montanha Mágica” (1924), ocupa boa parte da segunda metade da obra com um intenso embate de ideias entre os personagens Lodovico Settembrini e Leo Naphta. De um lado, temos “o advogado do progresso e da organização racional da vida humana”; do outro, o homem que prega “o espírito absoluto e sobrenatural” (KAUFMANN, 1973: 245). Ambos estão competindo pela alma do jovem Hans Castorp, que é o protagonista do romance.

Este artigo analisará os aspectos filosóficos e políticos do debate entre Settembrini e Naphta. A partir de conceitos da Teoria Política, serão analisadas as teses que cada um dos personagens defende, e como elas se relacionam com o debate mais amplo que marcou a intelectualidade européia na primeira metade do Século XX.

Duas são as perguntas que devem ser respondidas. Em primeiro lugar, se é possível fazer uma leitura política e filosófica de “A Montanha Mágica”. Segundo, com quais correntes filosóficas e ideológicas Naphta e Settembrini estão alinhados. Para isso, serão utilizados conceitos fundamentais para a argumentação de ambos: individualismo, liberalismo, conservadorismo, vontade de poder e gnosticismo.³

A partir desta análise do repertório de influências intelectuais, serão discutidas questões mais específicas. Primeiro, entender as contradições de Settembrini; embora se considere liberal e pacifista, ele parece defender o Ocidente até em questões imperialistas. Em seguida, cabe elucidar a heterogeneidade ideológica de Naphta, que combina cristianismo, socialismo, conservadorismo e niilismo. Por fim, comparar a perspectivas de ambos, buscando possíveis convergências e diferenças.

Para estudar a relação entre Arte - enquanto Literatura - e Política, recorreremos à noção de “arte crítica”, segundo a qual “a arte aparece como forma de conhecimento e investigação, constituindo uma modalidade de saber, apta a compreender o mundo e sintetizar a realidade” (CHAIA, 2007: 22). Além disso, ela auxilia na apreensão dos limites e paradoxos da política.

Wellek e Warren são um pouco mais céticos quanto a essa relação entre literatura e ideias: “o conteúdo ideológico, no seu devido contexto, parece realçar o valor artístico”, mas “o artista será prejudicado por demasiada ideologia se esta não for assimilada” (WELLEK & WARREN, 1962: 155) Chegaram a criticar “A Montanha Mágica” pela sua guinada temática,

³ Ao longo do artigo, também trataremos de outras três correntes de pensamento recorrentes nos diálogos entre ambos os personagens: o Socialismo, o Niilismo e o Humanismo Cívico.

do poético ao intelectual: “as primeiras partes, com a sua evocação do mundo do sanatório, são artisticamente superiores às últimas – de tão amplas pretensões filosóficas” (*Ibidem*: 155).

Porém, por mais que a hipertrofia do debate filosófico deixe o próprio Hans Castorp consternado, o confronto entre os dois personagens é retrato de uma controvérsia intelectual que atravessou a Europa a partir do fim do século XIX. “O duelo entre Settembrini e Naphta (...) é um sintoma da excitação nervosa que precedeu a I Guerra Mundial, uma das premonições (...) de uma catástrofe próxima” (KAUFMANN, 1973: 111). Por ajudar a esclarecer a atmosfera intelectual de uma Europa em crise, “A Montanha Mágica” assume o caráter de um objeto de estudo dos mais fascinantes – e sintomáticos.

Por último, cabe ressaltar que a História das Ideias, enquanto parte do campo da História Cultural, também trouxe contribuições metodológicas para este artigo. A literatura pode ser utilizada para elucidar fenômenos históricos e políticos, funcionando como representação de uma sociedade, na medida em que também o historiador pode ver na obra de arte uma construção que ultrapassa os limites da linguagem artística e também um concreto testemunho universal da história (Cf. FERNANDES apud MARTINS, 2010: 164). Em autores como Thomas Mann, esta abordagem torna-se especialmente proveitosa, na medida em que é um autor que discute explicitamente com várias tradições e correntes de pensamento.

2. Intermezzo: conceitos a serem trabalhados

Cinco conceitos são importantes para o desenvolvimento deste artigo. O primeiro deles é “individualismo”. Segundo F. A. Hayek, o individualismo é a postura filosófica para a qual cada um é livre para buscar as próprias metas, sendo responsável pelas decisões que toma e as consequências das mesmas (Cf. HAYEK, 1983: 84-86). Devem ser reconhecidos a cada indivíduo valores próprios pelos quais ele tem o direito de se pautar, e sua dignidade deve ser respeitada. Hayek chega a ver modéstia intelectual em tal postura: a incerteza e a razão limitada levam a uma defesa do indivíduo, que é quem melhor sabe os seus valores e necessidades (Cf. *Idem*, 1994: 76).

A segunda conceituação refere-se ao “liberalismo”. José Guilherme Merquior considerou-o um fenômeno histórico, portanto difícil de ser definido; “é muito mais fácil – e muito mais sensato – descrever o liberalismo do que tentar defini-lo de maneira curta”

(MERQUIOR, 1991: 15). Ele aponta, contudo, que um aspecto comum à tradição liberal é a preocupação em limitar e dividir a autoridade, para garantir a maior esfera de liberdade individual possível. A sociedade liberal pressupõe uma grande variedade de valores e crenças, contrariando o pacto moral defendido por conservadores ou prescrito pela maioria das utopias radicais.

Falando em “conservadorismo”, um de seus maiores expoentes é Edmund Burke, para quem a manutenção das tradições é quase sempre preferível a mudanças bruscas. Ele afirma que os costumes são a bússola que nos guia, e a superestimação dos poderes da razão humana para planejar a sociedade pode levar ao caos moral e social (Cf. BURKE, 1997: 102-103). Sendo assim, o conservadorismo é a postura política que defende a importância da unidade e da estabilidade enquanto pilares da sociedade. Há nisso certo pessimismo antropológico, pois se alega que a melhor ordem social é aquela que limita os impulsos egoístas que são naturais ao ser humano.

O que seria a “vontade de poder” proclamada pelo filósofo Friedrich Nietzsche? Nas palavras do próprio, “uma criatura viva quer antes de tudo dar vazão a sua força – a própria vida é vontade de poder” (NIETZSCHE, 2005: 19). Ou seja, aceitar os instintos naturais, como a ofensa, a violência e até a exploração mútua (seria a “justiça do mais forte”?). Abster-se deles – e fazer disso um princípio básico da sociedade – seria uma “negação da vida, princípio de dissolução e decadência” (*Ibidem*: 155). Nietzsche critica desde democratas até socialistas por abolirem as hierarquias, tão caras à sociedade aristocrática, em prol da “mediocrização” do homem ao longo do século XIX.

Por último, ainda resta definir o “gnosticismo”. De acordo com Eric Voegelin e Olavo de Carvalho, a antiga seita religiosa e esotérica dos gnósticos pregava um “conjunto de crenças, símbolos, valores e atitudes da cultura espiritual greco-romana, que refluíram para o subsolo no advento do cristianismo” (CARVALHO, 2000: 194). Há a noção de um Deus imperfeito (demiurgo), sendo possível ao homem ter a gnose (conhecimento) das verdades emanadas por esta divindade.

Ambos notaram o impacto do gnosticismo nos fenômenos ideológicos modernos, pois ele rompe com a concepção agostiniana de “desdivinização” da esfera do poder; em seu lugar, defende a atribuição de um determinado “eidos” (sentido) à História. Isso implica em “redivinizar” a realidade, o que permite exortar a ação humana direta, ao considerar possível

alcançar a perfeição aqui mesmo, nesta vida. Por meio dessa “revolta egofânica”, o governo passa a ser investido de uma função revolucionária (Cf. VOEGELIN, 2006: 104-105).

3. Settembrini, o iluminista fora de época

Logo em seu 1º dia no sanatório Berghof, Hans Castorp conhece um peculiar intelectual italiano: Lodovico Settembrini. Seu jeito desalinhado, mas com graça, além do bigode levemente ondulado, fizeram Castorp pensar que era um “tocador de realejo”. Logo na primeira conversa com o protagonista do romance, Settembrini trata de assuntos elevados, demonstrando notável erudição. Começava ali uma amizade na qual o “beletrista”, como se estivesse na “Divina Comédia”, tenta ser o Virgílio que conduzirá o promissor Dante que vê em Hans Castorp.

Os ancestrais de Settembrini ajudam a entender seu amor pela política e pelas letras. Seu avô foi advogado em Milão, além de agitador público – participou do movimento dos carbonários⁴. O pai era um apaixonado estudioso da cultura clássica. Quanto a si mesmo, ele também queria conciliar a vida política com a intelectual, mas a saúde frágil o obrigou a se fixar em Davos-Platz.

Quanto à sua visão de mundo, Settembrini considera-se um humanista. Defende os valores clássicos contra os românticos, o espírito e a razão contra a volúpia do corpo:

“Mas, o que era afinal o humanismo? Era o amor aos homens, nada mais, nada menos e por isso mesmo implicava também a política, a insurreição contra tudo quanto mancha e desonra a dignidade humana.” (MANN, 2000: 217)

Podemos qualificá-lo como individualista e liberal, pois uma de suas maiores preocupações é o auto-aperfeiçoamento moral e intelectual do homem, assim como uma sociedade cujo governo respeite as liberdades individuais. Porém, é também um republicano, o que nos remete ao Humanismo Cívico, de forte expressão na própria Itália de Settembrini. Esta corrente política é compatível com o liberalismo, pois sua maior ênfase na ação política e na virtude cívica contrabalança o deslocamento à esfera privada proposto por Hayek e outros. Entre as principais proposições do Humanismo Cívico, estão: a dedicação ao bem público, a

⁴ Movimento revolucionário, ligado à Maçonaria, atuou em várias revoluções europeias do século XIX, em especial na Primavera dos Povos (1848). Na Itália, seus principais líderes eram Giuseppe Garibaldi e Giuseppe Mazzini.

liberdade enquanto independência e a participação nos negócios da cidade (Cf. BIGNOTTO, 2007: 52).

Settembrini demonstra um forte alinhamento com o ideário do Iluminismo⁵ ao elogiar os progressos técnicos e o caminho “inevitável” rumo à democracia liberal. Em uma passagem que deixaria Rousseau irritado e Voltaire encantado, o italiano disse que:

“A técnica (...) subjugava cada vez mais a natureza, pelas comunicações que criava, (...) pelas vitórias que conquistava sobre as diferenças de clima; (...) dessa forma apresentava-se como o meio mais seguro para aproximar os povos, (...) para destruir os preconceitos existentes e, finalmente, para estabelecer a união universal.” (MANN, 2000: 214)

O personagem também segue outro princípio iluminista: “conhecer para prescrever”. Uma ilustração dessa conduta é o seu envolvimento com a misteriosa Liga Internacional para a Organização do Progresso, para a qual contribui em um projeto de Enciclopédia que pretende mapear e descobrir a cura para todas as formas de sofrimento humano.

Porém, Castorp – e o próprio leitor – logo percebe(m) que há algo de errado ou de limitado na filosofia social de Settembrini. Há um ranço de intransigência e autoritarismo nesse almejo por modernização. Para o protagonista, “o Sr. Settembrini era humanitário, mas ao mesmo tempo e pelos mesmos motivos, era quase explicitamente belicoso” (*Ibidem*: 978). Tal opinião foi corroborada por seu primo Joachim, para quem o italiano “prega a república universal, internacional, e abomina a guerra por princípio, mas ao mesmo tempo é tão patriota que reclama a todo custo a fronteira do Brenner⁶” (*Ibidem*: 527).

Em sua recusa teórica e defesa prática da guerra, residem um problema e uma contradição. O primeiro, porque, com isso, ele adere à ideologia do imperialismo político, econômico e cultural, expressão famigerada do universalismo ocidental; inclusive, tal postura imperialista do Ocidente sobre os “bárbaros” do Oriente expandiu-se no fim do século XIX. Já a contradição é que sua defesa da paz e da república passa a soar hipócrita, como se fosse um paradoxal dogmatismo pela liberdade.

A ligação de Settembrini com a Maçonaria denota seu anti-clericalismo, que muitas vezes recai em um “progressismo e materialismo (...) que desalojando Deus de seu lugar,

⁵ Iluminismo é o movimento intelectual ocidental, cujo auge foi no século XVIII, que defendia a Razão como princípio orientador do pensamento e da ação. Associava-se a isso a crença na capacidade da ciência de gerar o progresso linear. Seus principais expoentes são Immanuel Kant, Voltaire, Diderot e Adam Smith.

⁶ Alusão ao litígio entre Itália e Áustria, anos antes da I Guerra Mundial, por uma região fronteiriça.

colocou em seu altar o próprio homem”⁷. Aliás, tal “ideologia prometéica” (o próprio Settembrini assume a admiração pela figura de Prometeu) aproxima-se perigosamente das ambições gnósticas. Por sua vez, Hans Castorp discorda de seu racionalismo excessivo, pois acredita a sensibilidade e as paixões são também fundamentais para uma vida plena. Talvez seja esta uma opinião do próprio Thomas Mann.

4. Naphta, o profeta do Terror

Leo Naphta é um personagem de passado sombrio. Seu pai, um judeu fanático, foi assassinado em um motim popular, acusado de “irregularidade sectária”. Durante a adolescência, atormentado por dúvidas e indagações intelectuais, seu espírito só se apaziguou quando se converteu em jesuíta, fascinado pela grandiosidade e pelo senso de ordem que predominavam em tal instituição. Foi parar no sanatório graça à hemoptise (sangue no escarro), que o obrigou a se licenciar da carreira docente.

Eis a primeira das mesclas ideológicas que tanto marcam este personagem: foi do judaísmo ao jesuitismo. Também se interessou pelo ideário socialista, que conheceu graças a um deputado da região e seu filho. Para completar a equação, ele tinha um forte impulso aristocrático, “um desejo apaixonado de elevar-se acima da esfera de sua origem” (Ibidem, p. 603). Tal mistura resultou em um ideal que crescia rapidamente na época em que se passa a trama do livro (1907-1914): a Revolução Conservadora.

“Conservadora”, porque, além de pregar a restauração de vários dos costumes e hábitos da Idade Média, período que Naphta tanto exalta em suas falas, este também tem um forte desprezo pela burguesia. Em uma de suas digressões teológicas, chega a alegar que, para os medievais, “Deus e o diabo eram uma e a mesma coisa, e ambos se opunham à vida, ao modo de viver burguês, à ética, à razão, à virtude...” (MANN, 2000: 631). Quanto a isso, podemos nos lembrar de Nietzsche e seu repúdio à mediocridade e à equalização de condições que marcam a sociedade burguesa.

Porém, Nietzsche tem mais a contribuir nesta discussão sobre Naphta, inclusive para explicar o mote desta “Revolução”. O ideal da vontade de poder é evidente neste personagem,

⁷ Vide resenha do livro feita por Francisco Escorsim, “Impressões de Leitura – ‘A Montanha Mágica’”. Fonte: <<http://oitocolunas.blogspot.com/2005/05/impresses-de-leitura-montanha-mgica.html>>.

que muitas vezes defende a desvalorização de qualquer sentido existencial e da própria noção de verdade. Eis um traço de niilismo; em sua ambição pela ordem e pelo poder absoluto, Naphta não hesita em defender que princípios e critérios sejam dissolvidos ou abolidos. Um exemplo é quando, durante um debate com Settembrini, distorce o sentido de “individualismo” para refutá-lo:

“Como já me permiti observar, o seu individualismo é deficiente, é apenas um compromisso. (...) Um individualismo, porém, (...) não social, mas religioso, que concebe a humanidade não como o antagonismo entre o eu e a sociedade, senão como o conflito o eu e Deus, (...) tal individualismo genuíno se harmoniza muito bem com a comunidade mais intensamente coercitiva.” (Ibidem, 2000: 551)

Em outras palavras, Naphta contrapõe ao individualismo liberal o holismo comunitário, de fortes feições conservadoras. Mann, por meio dele, registrou os primórdios da mentalidade nazista, escrevendo justamente em um período (início dos anos 20) em que Hitler e o Nazismo ainda estavam a uma década de ascenderem ao poder na Alemanha (1933).⁸

Para que isso fique mais explícito, o polêmico pensador Oswald Spengler, contemporâneo de Mann e para muitos um ideólogo do nacional-socialismo, pode ser recrutado para este debate. Em defesa da grandeza da cultura ocidental (mais especificamente, da “alma faustiana”, germânica), ele faz uma afirmação que poderia ser do próprio Naphta: “o estilo prussiano é uma renúncia espontânea, a subordinação de um Eu forte a um dever e uma tarefa grandes, um ato de autodisciplina” (SPENGLER, 1941: 176).

Como se não bastasse, Naphta também prega o coletivismo cristão e socialista. Para ele, sempre refratário à burguesia, caberia ao proletariado a missão de restaurar o império da cristandade, mesmo que precise “espalhar o terror para a salvação do mundo e para a conquista do objetivo da redenção, que é a relação filial com Deus, sem a interferência do Estado e das classes” (MANN, 2000: 550). Com isso, atribui um sentido religioso à revolução e ditadura do proletariado. Porém, desta vez Spengler não estaria de acordo com Naphta, pois não vê com bons olhos esta aliança entre cristianismo e socialismo: “a teologia cristã é avó do bolchevismo” (SPENGLER, 1941: 117).

⁸ Lukács ressalta esse aspecto no ensaio “Thomas Mann e A Tragédia da Arte Moderna” (1948), quando afirma que Mann “vê, já por volta de 1918, que a época do humanismo burguês está no fim; e vê a relação que existe entre esta crise e o fascismo.” (LUKÁCS, 1968: 222)

Esta combinação explosiva de ideologias talvez se explique pelo fato de Thomas Mann ter se inspirado em Georg Lukács para criar Naphta. Lukács, embora marxista, até meados da década de 1920 defendia uma espécie de “culturalismo existencial”, de forte inspiração nietzschiana. Em sua errante necessidade de absoluto, ele apresentava o que Mann, por meio de Naphta, descreveu como um tremendo anelo de autoridade (Cf. MERQUIOR, 1982: 158).

O ambicioso Leo Naphta também pode ser comparado com personagens de outra obra-prima de Mann, “Doutor Fausto”. Durante a estranha conversa do músico Adrian Leverkühn (protagonista do livro) com o Diabo, por meio da qual fazem um pacto que garante ao compositor 24 anos de genialidade artística, este diz que Adrian se tornará o líder de uma geração, pois emanará uma loucura inspiradora. Além disso, alega que a burguesia abandonou a Religião e passou a cultivar a Cultura em si mesma; contudo, ela está farta desta, sendo necessário lhe dar novos princípios para se orientar (MANN, 1996: 327-329). Tal premonição é análoga à que Naphta fez quanto à urgência do Terror revolucionário.

5. “Coisas Muito Problemáticas”: Convergências e divergências

Embora já tenha sido feita uma breve analogia entre o gnosticismo e a ideologia progressista de Settembrini, as considerações de Voegelin e Carvalho sobre a revolução gnóstica valem para ambos os personagens; talvez Naphta seja até mais tipicamente gnóstico do que o “beletrista”. Os dois soam como as duas faces da mesma moeda, simbolizando dois extremos (independentemente de quem seja “direita” ou “esquerda”) dos quais Castorp deve se afastar para alcançar o equilíbrio.⁹

A ambição, tão recorrente nas ideologias políticas modernas, em ditar o “rumo” da História combina-se com a auto-indulgência quanto às paixões e a desorientação intelectual que marcaram os fenômenos de massa do século passado:

“A morte do espírito é o preço do progresso. Nietzsche revelou este mistério do apocalipse ocidental quando anunciou que Deus estava morto e que fora

⁹ Em uma entrevista, Olavo de Carvalho faz uma curiosa analogia com o romance de Mann para explicar a decadência portuguesa no fim do século XVIII: “Por uma triste ironia, os adversários do centralismo pombalino eram os jesuítas, eles também revolucionários”, de tal forma que “o drama de Portugal é o mesmo de ‘A Montanha Mágica’ de Thomas Mann: um jovem bom e promissor aprisionado entre dois falsos gurus: um iluminista autoritário com discurso modernizador e um jesuíta comunista.”

Fonte: <<http://www.olavodecarvalho.org/textos/0801entrevista.html>>.

assassinado. Esse assassinato gnóstico é cometido constantemente pelos homens, que sacrificam Deus em nome da civilização.” (VOEGELIN, 1982: 99)

Olavo de Carvalho, na mesma direção, aponta o gradual desenvolvimento do materialismo como religião civil. Um exemplo interessante que utiliza para ilustrar sua tese é o primeiro dos *bildungsroman*¹⁰, escrito por Goethe: “Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister” (1796). Segundo Carvalho, nesta obra há uma ruptura: o mito maçônico substitui o cristão como índice do sentido da vida. Em outras palavras, a salvação da alma cede lugar a uma resolução puramente terrestre. Esta auto-realização consiste em que a sociedade se revela como “um microcosmo à imagem do universo dirigido por potências benévolas”, o que leva à “descoberta do caminho pessoal por entre os múltiplos equívocos da vida” (CARVALHO, 2000: 260-261).¹¹

Tal exemplo é relevante na medida em que Goethe e “Wilhelm Meister” muito influenciaram Mann e “A Montanha Mágica”, tanto em estilo quanto em conteúdo – mesmo que, muitas vezes, por meio da paródia. Hans Castorp, que não é tão brilhante e talentoso quanto o protagonista do romance goethiano, faz uma lenta caminhada para se livrar da mediocridade e se tornar um indivíduo mais completo. Ele é também porta-voz da preocupação do escritor quanto aos excessos de ambos os lados do conflito ideológico. Além de demonstrar que tanto liberalismo quanto socialismo (inclusive o de feição conservadora, defendido por Naphta) têm uma origem em comum, ele demonstra que debates políticos não podem ser resolvidos somente em abstrato. As controvérsias bizantinas dos dois pedagogos estão muito afastadas da realidade “mundana” para serem realmente dignos.

Por outro lado, seria uma injustiça com Settembrini não reconhecer suas vantagens (ou, ao menos, o menor número de defeitos) em comparação a seu rival. O próprio final da “amizade” entre ambos é sintomático. Durante um dos embates filosóficos, o italiano se irrita e acusa Naphta de dizer indecências. Este, pedindo para o adversário retirar o que disse, recebe uma negativa, e reage raivosamente, desafiando-o para um duelo. O pedagogo italiano ainda tentou, até a última hora, dissuadir seu oponente, mas não conseguiu impedir a tragédia:

¹⁰ Literalmente, “romance de formação”. Gênero literário caracterizado pela preocupação em descrever e refletir sobre o amadurecimento cultural e intelectual de um personagem, acompanhando-o da infância à fase adulta.

¹¹ Curiosamente, anos depois, Goethe se arrependeu dessa “ideologia prometéica” exacerbada, e, na 2ª parte de “Fausto” e em “As Viagens de Wilhelm Meister”, condenou a ambição materialista e resgatou a espiritualidade.

“– O senhor atirou para o ar – disse Naphta, controlando-se, enquanto baixava a arma.

Settembrini replicou:

– Eu atiro como quero.

– Atire o senhor novamente.

– Nem penso nisso. Agora é a sua vez. (...)

– Covarde! – bradou Naphta, e com esse grito humano admitiu que era preciso maior coragem para atirar do que para servir de alvo. Levantou então a pistola de um modo que nada mais tinha em comum com um combate, e descarregou-a na própria cabeça.

Que cena trágica, inesquecível! (...) Todos permaneceram imóveis durante um momento. Settembrini, depois de arrojá-la para longe de si, foi o primeiro a aproximar-se de Naphta.

– Infelice! - exclamou. - Che cosa fai, per l'amor di Dio?”(MANN, 2000: 972)

Há uma interessante metáfora neste duelo de armas: o humanista reluta e desiste diante de uma situação de barbárie, enquanto que o niilista, que já não vê sentido na vida, comete suicídio. Verifica-se assim que, apesar de tudo, Settembrini e Naphta são diferentes, tanto em pressupostos quanto em atitudes existenciais. Não se pode resumi-los a uma ideologia cada, mas também é inegável que o italiano é um personagem mais “humano” e de boa índole.

Fritz Kaufmann, em uma comparação que traça entre os dois personagens, foi categórico: “o abalado intelecto mundano, personificado por Settembrini, sobrevive ao sofisticado e (...) encantador fundamentalismo, o ódio suicida deste mundo, o espírito de Naphta” (KAUFMANN, 1973: 25). Aliás, situação parecida ocorre em “Doutor Fausto”, no qual o também humanista Serenus Zeitblom sobrevive para narrar o colapso do “espírito absoluto”, encarnado por seu atormentado amigo Adrian Leverkühn.

6. Conclusão: a Vitória de Pirro¹² da Razão

Em meio aos funerais de Naphta, à perplexidade de Settembrini e à despedida de Castorp (que, no último capítulo, resolve ir lutar na guerra), este artigo chega a um desfecho. De fato foram encontradas fortes relações entre o debate Settembrini x Naphta com um confronto ideológico mais amplo – não apenas entre Iluminismo vs. Niilismo, mas também entre liberalismo e “socialismo conservador”. Além disso, foram visualizadas semelhanças entre ambos os personagens no que tange ao desejo de “redivinização da realidade” que caracteriza a revolução gnóstica.

¹² Vitória de Pirro: expressão de origem romana utilizada para indicar um triunfo obtido a custo de prejuízos enormes.

Ao final, constata-se que, embora Settembrini tenha sobrevivido e Naphta, cometido suicídio, este foi um debate sem vencedores, já que nenhum conseguiu prevalecer como pedagogo de Castorp. Ou, talvez, o italiano teve uma “vitória de Pirro”, pois a democracia e o liberalismo passarão por mais dificuldades: foi a ideologia de Naphta que predominou na Europa nas duas décadas seguintes à publicação de “A Montanha Mágica”. O próprio Mann lamentou que sua mensagem humanista não conseguisse prevalecer durante a Alemanha à época. Preferiu-se, ao invés de tal apelo, uma escalada de barbárie e totalitarismo.

Com isso, justifica-se a relação traçada, na introdução deste artigo, entre a História com a Literatura e a Política: Naphta é uma representação da mentalidade autoritária que gradualmente se apoderava da Alemanha (e da Europa em geral) durante a década de 1920, enquanto Settembrini, em sua exaltação de ideais liberais, republicanos e humanistas, soa como um iluminista fora de época, quase uma versão italiana de Woodrow Wilson¹³.

Cabe uma última pergunta e reflexão para o leitor: após todas as guerras do século XX, e levando-se em conta todas as mudanças políticas e culturais pelas quais o mundo passou neste período, será que o debate intelectual predominante continua a ser, mesmo que indiretamente, entre racionalistas e relativistas?

Referências Bibliográficas

- BIGNOTTO, Newton. “Humanismo Cívico Hoje”. IN: BIGNOTTO, Newton (org.). “Pensar a República”. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- BURKE, Edmund. “Reflexões sobre a Revolução em França”. Brasília: Universidade de Brasília, 1997.
- CARVALHO, Olavo de. “O Jardim das Aflições”. São Paulo: É Realizações, 2000.
- CHAIA, Miguel. “Arte e Política: Situações”. IN: CHAIA, Miguel (org.). “Arte e Política”. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.
- FERNANDES, Cássio da Silva. “Apresentação – Jacob Burckhardt”. IN: MARTINS, Estevão de Rezende (org.). “A História Pensada: Teoria e Métodos na Historiografia Européia do Século XIX”. São Paulo: Contexto, 2010.
- HAYEK, Friedrich. “O Caminho da Servidão”. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1994.
- _____. “Os Fundamentos da Liberdade”. Brasília: UnB, 1983.
- KAUFMANN, Fritz. “Thomas Mann: The World As Will And Representation”. Nova York: Cooper Square, 1973.
- LUKÁCS, Georg. “Ensaio sobre Literatura”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- MANN, Thomas. “A Montanha Mágica”. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- _____. “Doutor Fausto”. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- MERQUIOR, José Guilherme. “O Liberalismo: Antigo e Moderno”. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

¹³ Presidente americano entre 1913 e 1921, malogrou em sua tentativa de estabelecer uma política externa internacionalista e pacifista (os “Quatorze Pontos de Wilson”), com ecos liberais e inspiração kantiana.

_____ “História de uma Classe de Inconsciência”. IN: “As Ideias e as Formas”. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

NIETZSCHE, Friedrich. “Além do Bem e do Mal”. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SPENGLER, Oswald. “Anos de Decisão”. Porto Alegre: Edições Meridiano, 1941.

_____ “A Decadência do Ocidente”. Brasília: UnB, 1982.

VOEGELIN, Eric. “A Nova Ciência da Política”. Brasília: UnB, 1982.

_____ “Reflexões Autobiográficas”. São Paulo: É Realizações, 2006.

WELLEK, René & WARREN, Austin. “Teoria da Literatura”. Lisboa: Europa-América, 1962.